



O **Dia Internacional da Mulher Trabalhadora** está associado à luta organizada das mulheres por direitos sociais e políticos, por melhores salários e horários de trabalho, contra a exploração e a guerra, pela defesa da paz. Um dia de todas as lutas! Uma luta de todos os dias!

A Comissão para a Igualdade entre Mulheres e Homens da CGTP-IN assinala o 8 de Março deste ano, em todo o país, com a entrega de 70.000 folhetos e iniciativas diversas em mais de 1.400 locais de trabalho, 80 plenários e 50 acções de rua, dando expressão concreta à **Semana da Igualdade, entre 7 e 11 de Março**, com o lema **A igualdade tem de existir – Para o país evoluir!**

Esta é uma luta que une homens e mulheres trabalhadoras, pois *enquanto as mulheres forem discriminadas, nenhum homem será verdadeiramente livre.*

As mulheres constituem a maioria dos trabalhadores com vínculo precário. **A precariedade** não é uma situação normal. Não pode ser natural trabalhar com a ameaça permanente de desemprego. A precariedade promove a insegurança e a angústia, condiciona a liberdade e as opções na vida.

Lutamos pela efectivação de políticas que assegurem a estabilidade do emprego e combatam a precariedade e a subcontratação.

Exigimos a reposição do direito de negociação, o princípio do tratamento mais favorável e o fim do bloqueio do governo e do patronato à contratação colectiva.

Assumimos o combate às **discriminações salariais entre homens e mulheres**, sabendo que a desvalorização do trabalho das mulheres constitui um benefício para as empresas, uma penalização para as trabalhadoras e suas famílias e um prejuízo para o desenvolvimento do país.

Defendemos a **conciliação do trabalho com a vida familiar e pessoal**, que é indissociável da qualidade do emprego, da duração e da forma de organização do tempo de trabalho.

Um contributo seguro para a conciliação passa pela redução do período normal de trabalho através da consagração da semana de 35 horas, sem perda de retribuição.

E para os que agora falam da “semana de 4 dias”, respondemos: só se for com 8 horas por dia, porque não aceitamos andar para trás!

Mas não só. Consideramos indispensável o alargamento da rede pública de **infra-estruturas sociais de apoio** (infância e velhice), mais e melhores **transportes públicos** e o direito à **habitação** a preços acessíveis.

Vivemos um tempo em que precisamos de juntar forças e vontades para defender e afirmar direitos em todos os dias do ano.

Pelo que a defesa e o exercício dos **direitos de maternidade e de paternidade** assume uma importância redobrada, pois apesar de consagrados na lei, continuam a ser desrespeitados pelo patronato.

O combate ao **assédio laboral** está igualmente na ordem do dia.

Não podemos permitir que comportamentos patronais de autêntica tortura psicológica no trabalho se transformem numa fatalidade natural.

Difícilmente se combate o assédio de forma isolada. Estar sindicalizada, é a primeira forma de responder ao isolamento, combater as desigualdades, enfrentar o medo e travar o assédio através da luta e da solidariedade colectivas.

Por essa razão dizemos que não há democracia sem **liberdade sindical** nos locais de trabalho.

Não aceitamos que as empresas se transformem em *bunkers*, onde os patrões têm o direito de explorar e os trabalhadores o dever de aceitar a exploração.

A intervenção sindical nas empresas e serviços é também fundamental para identificar e combater as **doenças profissionais**, em especial as lesões músculo-esqueléticas e, sobretudo, depois da pandemia, as doenças do foro psicológico, que continuam a afectar maioritariamente as mulheres trabalhadoras.

A força da razão é a razão da nossa luta!

**Por isso, as mulheres constituem a maioria das novas sindicalizações** nos Sindicatos da CGTP-IN e também estão em maior número enquanto delegadas sindicais eleitas nos locais de trabalho.

A intervenção desenvolvida nos Sindicatos, em interligação com a Comissão para a Igualdade entre Mulheres e Homens tem sido determinante para alargar a influência e o prestígio da CGTP-IN nos locais de trabalho, na rua, nas instituições e na sociedade.

Somos um *“movimento sindical de mulheres e homens que não desiste e persiste; que não se ilude nem vacila perante as dificuldades; que não se acomoda e protesta; que não se verga e propõe; que não abdica, luta e conquista”*.

Tal como José Saramago escreveu:

*“Não mudaremos a vida, se não mudamos de vida. Há que perder a paciência.”*

Sim! Há que perder a paciência para que não nos moldem a consciência!

Há que perder a paciência com a política que fomenta os baixos salários, desvaloriza as profissões e as competências, desregula os horários e coloca a prazo a nossa vida laboral.

Há que perder a paciência com os interesses económicos especulativos e com os sucessivos aumentos dos preços de bens e serviços que corroem o nosso poder de compra.

Há que perder a paciência e exigir o aumento geral dos salários e uma justa distribuição da riqueza.

Há que perder a paciência e lutar pela paz, contra a guerra que inferniza a vida dos trabalhadores e das famílias!

Há que acreditar e lutar *por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres!*

VIVA A LUTA DAS MULHERES TRABALHADORAS!  
VIVA A CGTP-IN!